

O EQUADOR — UM POUCO DE HISTÓRIA E PRÉ-HISTÓRIA

Ten-Cel NEWTON C. DE ANDRADE MELLO
Oficial de EM

AS ORIGENS

A história do Equador perde-se na distância dos séculos, misteriosa como a própria origem do homem americano. Todavia, já teremos feito bastante, no estudo dela, aludindo a algumas das tribos que habitaram o País, antes que o Inca mais civilizado, mais culto e poderoso invadissem, na fase da expansão militar do Império, os países vizinhos e os submettesse ao domínio de Cuzco.

Fugindo, embora, à divagação, não poderíamos deixar de penetrar um pouco nas fases pré-colombiana e colonial da história do Equador, com o fim de esclarecer uns quantos aspectos da configuração social e política do País, para melhor compreensão de sua estrutura hodierna.

Índios "chibchas", "chimus", "caras" e "quitos", eis alguns dos títulos encontrados na designação do período pré-incaico. Cumpre acentuar que, após secular sedimentação, a tribo deste último nome emerge como detentora de maior civilização e poderio, daí advindo o Reino de Quito, que, pela força das armas, pela astúcia ou por alianças políticas, dominou as nações vizinhas ou a elas se associou em condições vantajosas.

O Reino de Quito sobrevive até os meados do século XV, quando se processa a invasão inca sob o comando do general-imperador Tupac-Yupanqui. Vários anos se consumiram na conquista dos povos da Confederação que vivia sob a hegemonia de Quito, lutando os quitenhos desesperada e heróicamente. A derrota pelas armas, já quando Rei dos Incas Huayna-Cápac, filho do chefe anteriormente citado, sucederam-se rebeliões. Por fim, aquêlê chefe inca subjugou as nações adversárias, estendendo para o norte as terras de seu grande Império.

Sobre os povos "caras", "cañaris" e outros, vale informar que possuíam civilização de apreciável nível cultural, acreditando-se, até, que o sistema de escrita dos primeiros fôsse superior aos dos incas. Monumentos arqueológicos atestam os seus progressos na arquitetura, do mesmo passo que permitem estabelecer uma identidade de religião dos povos indígenas do Pacífico.

Donde veio esse povo inca dominador e adiantado que, vencendo a geografia madrasta dos Andes e as tribos aguerridas do Reino de Quito, implantou a sua civilização sobre a dêste? Cuzco, eis o nome da sua grande capital, sediado em terras hoje do Peru. Aquêlê Huayna-Cápac, sentindo-se morrer, houve por bem (no caso, devera-se dizer *por mal*, porquanto daí decorreram as desgraças do grande povo inca) dividir o Império entre os dois filhos Huáscar (Cuzco) e Atahualpa (Quito). Não vira outra forma de conciliar a rivalidade política existente entre os grandes centros da nação inca, e evitar a guerra civil. Mas a ambição dos jovens imperadores e o incontido desejo de independência latente no antigo povo de Quito, no qual as cinzas de dominadas rebeliões apenas encobriam o velho anseio de se não subjugar ao inca vencedor, levaram a guerra aos dois Impérios. Após uma série de batalhas cruentas, a sorte pendeu para as hostes de Atahualpa, sendo Huáscar aprisionado e o Império novamente unificado, sob a égide daquele.

A êste tempo, já os espanhóis batiam às portas de Tahuantisuyo, — nome nativo do grande império incaico, — acabando por destruí-lo, inicialmente atraindo a confiança dos naturais, mais tarde levando-os de vencida à custa da barbárie, da traição e da tirania. Não era uma velha civilização que se extinguiu, é verdade, visto como cinco séculos é o que se estima de idade para ela, admitindo-se ter-se iniciado no ano 1000 da era cristã; mas, de qualquer modo, quanto não poderia ela ter concorrido para a civilização humana, se não fôra riscada da face da terra, por assim dizer, e interrompida violentamente no seu ciclo histórico?

Entre o início da invasão inca no que hoje é o Equador e a posse do Império pelos espanhóis (morte de Atahualpa) decorreram cerca de 80 anos.

É tempo de que entre em cena Francisco Pizarro, já que falamos na destruição do Império inca. Estamos em 1532, mês de novembro. O antigo porqueiro, hoje à frente de soldados espanhóis em missão de sua Majestade Católica, apraza para um encontro em Cajamarca a Atahualpa, Imperador dos Incas, senhor absoluto de terras que se estendem do norte da Argentina até o Equador, compreendendo porções do Paraguai, a Bolívia e o Peru. Escarmentado por episódios em que o personagem branco já deixara antever do que seria capaz no trato com o aborígine, o chefe nativo toma precauções militares e comparece, cercado da pompa que convém ao "Senhor do mundo". O poderio militar branco e a defecção do general das forças indígenas facilitam o aprisionamento de Atahualpa, vítima da ambição ilimitada e da felonía de Pizarro. Submetido a julgamento marcado pela artimanha e a falsidade, o inca vê-se condenado à morte, sendo estrangulado no garrote. Era 29 de agosto de 1533.

Francisco Pizarro nomeou Inca a Hualpa-Cápac, jovem de 15 anos, que morreu dois meses depois. Foi, então, investido nas funções imperiais, pelo mesmo Pizarro, Manco, filho de Huayna-Cápac, o qual tomou o nome do fundador da dinastia, Manco-Cápac.

CONQUISTA DE QUITO

Caberia fazê-lo a Sebastião Benalcázar. Teria, para tanto, de enfrentar as forças de Rumiñahui, general de Atahualpa, que deixara de intervir com seus 5.000 homens na chacina de Cajamarca, e fizera-se substituto do Imperador em Quito. Depois de longos meses de luta, em que o valente chefe índio defendeu a pátria com denôdo e sabedoria militar, Benalcázar dominou Quito, em 1534. O Inca foge para o oriente, depois de destruir e queimar a capital, sôbre cujas cinzas os espanhóis ergueriam nova cidade. Benalcázar, dando cêrco a Rumiñahui, aprisiona-o e mantém-no encarcerado durante meses, sob os mais cruéis sacrifícios. Fá-lo matar, por fim, em 1535.

Nesta altura, já se punha a crescer a Quito espanhola, fundada oficialmente aos 6 de dezembro de 1534. Por seu turno, prosseguia na zona costeira a colonização, fundando-se, entre outras, as cidades de Guayaquil e Portoviejo. Movido pela ambição, a cabeça turbada pela fantástica lenda do El Dorado, Gonzalo Pizarro haveria de cometer o empreendimento de se lançar para o oriente, em 1541. O resultado foi a descoberta do rio Amazonas, no ano seguinte, por Francisco de Orellana.

O PERÍODO COLONIAL

Eis subjugado o grande Império Inca, e com êle os povos que habitavam o que ora se chama Equador. Inicia-se o período colonial, e até 1563 a organização administrativa estabelecida pela Metrôpole atribuiu ao futuro Equador a condição de "Gobernación de Quito", abrangendo as cidades de Quito, Portoviejo e Guayaquil com os respectivos territórios, sendo seu primeiro governador aquêle Benalcázar, conquistador do país e fundador da nova Quito. Naquele ano, a instâncias da população, Felipe II de Espanha eleva Quito à categoria de "Audiência", permanecendo integrada no Vice-Reinado do Peru, como até então. Com isto, adquiriu autonomia para os assuntos jurídicos.

Cumprê anotar que, com o nome de Quito, a Audiência abrangia extensa área, incluindo, além daquela cidade, as de Guayaquil, Portoviejo, Cuenca, Loja e Pasto; as povoações de Latacunga, Ambato e Chimbo e, no oriente equatoriano, as de Baeza, Sevilla del Oro, Logroño, Zamora, Valladolid e Jaén de Bracamoros. Os limites chegavam, pelo norte, até Buena Ventura, exclusive, e, por leste, até o rio Amazonas, limitando-se com o atual território do Brasil. A diferença dessa configuração administrativa com relação aos dias de hoje encontra-se nas questões de limites havidas com os países vizinhos (Colômbia e Peru), em consequência das quais o território equatoriano foi diminuído, deixando de lindar-se com nosso país.

Assinalamos, a seguir, em ordem cronológica, alguns dos episódios ou instituições do tempo da colônia que permitam compreender aspectos da fisionomia atual do Equador:

— 1529, agôsto — Revolução das "Alcabalas", nome dado a um tributo impôsto nas transações de propriedades.

— 1718 — É suprimida a Audiência de Quito, por Cédula Real do ano anterior, e o país passa a integrar o novo Vice-Reinado de Santa Fé de Bogotá.

— 1722 — Não dando resultado a experiência, volta a ser restabelecida a Audiência, que retorna ao Vice-Reinado do Peru.

— 1740, julho — Promulgação e execução da Cédula Real de Felipe V, do ano anterior, pela qual se reorganiza o Vice-Reinado de Santa Fé e se reincorpora a este a Audiência de Quito, com todas as províncias e territórios. Até a Independência, nenhuma outra alteração se verifica neste sentido.

— 1765 — Sublevação dos bairros de Quito.

— 1805, dezembro — Primeira reunião conspiratória dos patriotas quiteños.

— 1810, agosto — Revolução popular em Quito.

— 1811, outubro — Revolução popular em Quito.

— dezembro — Quito proclama sua independência de Espanha e recomenda a confederação com as províncias granadinas.

— 1812, novembro — Os espanhóis derrotam os patriotas.

— 1820, outubro — Revolução de Guayaquil e declaração de sua independência.

— 1821, maio — Derrotados os patriotas, Guayaquil declara-se sob a proteção da Colômbia, que então já se constituía em país independente.

— 1822, maio — Batalha de Pichincha, na qual o General Sucre derrota as forças espanholas. Firma-se a ata da independência de Quito e resolve-se sua anexação à República da Grande Colômbia, formada, assim, pela Cundinamarca ou Colômbia, Venezuela e Quito.

Junho — Bolívar entra em Quito.

Julho — Bolívar iça a bandeira da Colômbia em Guayaquil e assume os poderes supremos. Guayaquil declara sua anexação à Colômbia.

— 1830 — Rompem-se os laços políticos da Grande Colômbia, com a separação inicial da Venezuela.

— 1830, maio — O Distrito do Sul da Grande Colômbia (ou seja o de Quito) separa-se dela, completando-lhe a dissociação.

Setembro — Promulgação da primeira Constituição do Equador, nome com que ficou denominado o novo país. Primeiro presidente, General João José Flôres (venezuelano).

Duas das instituições coloniais do Equador explicam muito do quadro psico-social daquele país: a "encomienda" e a "mita". Aquela era uma velha instituição da Idade Média espanhola, que na América se formou em circunstâncias especiais e adquiriu nuances específicas. No Equador, não se concedia como "encomienda" apenas o domínio da terra, senão também o dos índios. Um "encomendero" era um proprietário de seres humanos, e sua fortuna chegou a contar-se por cabeças de índios. Na América, a "encomienda" é originária das Antilhas. Organizou-a Colombo, como meio de colonização capaz de prover nativos que trabalhassem o solo, com isto repartindo o benefício entre os seus subalternos. A ausên-

cia de braços espanhóis alimentou a instituição da “encomienda” em seus aspectos mais desumanos, sem embargo das leis expedidas pela Metrópole, por força, principalmente, da pregação jesuítica.

A outra instituição de trabalho, a “mita”, fôra herdada dos Incas. Consistia no recrutamento de índios para trabalho obrigatório durante determinado tempo. Os recrutados chamavam-se “mitayos” e eram retirados à força de suas comunidades. Calcula-se que nas minas de Zamora, na região oriental, durante 50 anos hajam trabalhado cerca de 20.000 “mitayos”, dos quais apenas 500 regressaram com vida.

Para concluir o estudo sobre o período colonial, transcrevemos a seguinte conclusão do historiador Alfredo Pareja Diezcanseco, de quem emprestamos grande parte de nossas apreciações sobre o assunto em pauta: “Da imperfeição e tragédias coloniais vem a nossa vida atual.”

O EQUADOR INDEPENDENTE

A história do Equador, como país independente, está pontilhada por aquelas constantes comuns à vida dos países sul-americanos: instabilidade política, rebeliões, caudilhismo, ditaduras. Resumimos, a seguir, aquela fase:

— Período “floreano”, de 1830 a 1845, com que se inicia a República, sob João José Flôres. Avulta, também, a figura de Vicente Rocafuerte, dito, pelo historiador Diezcanseco, “o verdadeiro fundador da República”.

— Período “marcista”, de 1845 a 1860, que tem começo com a revolução civilista de 6 de março de 1845. O civilismo cede ante a reação militarista dirigida pelo General José Maria Urbino, possivelmente o criador do caudilhismo militar equatoriano.

— Período cívico-clerical, de 1860 a 1875, dominado pela figura impressionante de Gabriel Garcia Moreno, fundador do partido conservador, católico fervoroso, grande administrador e, sobretudo, homem de vontade férrea, “frio, calculista e organizado já aos 25 anos”. Chefe do governo duas vezes, por eleição ou conquista do poder, morreria assassinado em 1875, quando Presidente da República.

— Período de 1875 a 1895, quando se verifica uma reação militarista, que cede, por fim, ao espírito civilista, então consolidado.

— Período de 1895 a 1925. É a fase do liberalismo, instaurado pelo General Eloy Alfaro, fundador do partido liberal. Estabeleceu a separação da Igreja do Estado, que até hoje prevalece. Com Alfaro termina o caudilhismo, cujos expoentes foram Flôres, Garcia Moreno e o próprio Alfaro.

— Período de 1925 a 1947, de instabilidade institucional e política. Destaca-se a figura do Dr. José Maria Velasco Ibarra, eleito por quatro vezes para a suprema magistratura.

— Período de 1947 em diante, onde aparece o liberal Galo Plaza Lasso, eleito em 6 de junho de 1948. Diz o historiador Diezcanseco: “O Movimento Cívico Equatoriano, organizado em 1947, e que triunfou nas eleições de legisladores, primeiro... e em seguida na eleição de Galo Plaza, foi agrupação de várias tendências, sob um denominador comum: a afirmação institucional da prática democrática”. Reaparece, neste período, o Dr. Velasco Ibarra, eleito presidente pela terceira vez, para o período de 1952-1956, e pela quarta vez para o período de 1960-1964. Aquêlê governante teve o mandato interrompido a meio, em co-moção política recente. De 1956-1960, exercera o poder o conservador Camilo Ponce Enríquez.

Nos seus 130 e poucos anos de vida independente, 'o Equador teve promulgadas 16 Constituições, umas de indole liberal, outras radicalistas, sem diretrizes jurídicas precisas, outras, enfim, de sentido conservador. Freqüentes vêzes o poder foi empolgado pela fôrça, e golpes de Estado prorrogaram mandatos presidenciais.

VULTOS NACIONAIS

Concluiremos êste bosquejo histórico aludindo a quatro dos vultos nacionais equatorianos. O General Antonio José de Sucre é o vencedor de Pichincha, que assegurou a independência do Equador. Valoroso, heróico, combativo, pertence a mais de uma pátria, e seus restos repou-sam na catedral de Quito, sem embargo de sua nacionalidade venezue-lana e de haver sido presidente da Bolívia. Nasceu em 1793 e morreu assassinado em 1830.

Abdón Calderón, “el niño heroe del Equador”, cobriu-se de glórias na batalha de Pichincha, e nela morreu, sendo pouco mais que um ado-lescente. É o patrono das fôrças armadas do país.

João Montalvo, “o herói intelectual, o príncipe das letras equatoria-nas”, no dizer de Osvaldo Orico, a outra grande figura equatoriana, cujo talento foi em parte dedicado a lutar contra a tirania em sua pá-tria. Assassinado o déspota Garcia Moreno, disse, num assomo: “Mia es la gloria; mi pluma lo mató”. Morreu em Paris, estóico no sofrimento, nobre e altivo até o fim.

Francisco Xavier de Santa Cruz y Espejo é a grande figura nacio-nal equatoriana. Mestiço, com muito mais de índio que de espanhol, mé-dico, escritor, jornalista, político, “concebeu a idéia da emancipação po-lítica da América, planejando, sem temor, a revolução total, a radical separação da Espanha e a forma republicana e democrática de govêrno, em dias em que os mais valentes sugeriam túbias soluções para o agudo problema colonial e para a profunda crise do espírito que sacudia nos-sos países” (Vd. Diezcanseco, História del Ecuador). Desterrado ou encarcerado, coberto de grilhões, vítimas do sofrimento, teve os dias abreviados, morrendo em 1795, em obscuridade e pobreza.